

O Guarani

JOLUMÃ BRITTO

Tal como acontece agora em 1970, em 1920 a cidade que foi berço natal de Carlos Gomes não o olvidou, graças à atividade da Câmara Municipal que esteve movimentada quando da passagem do jubileu de prata da primeira grande obra do maestro campineiro. É que o vereador Alvaro Ribeiro, fundador do Hospital que tem seu nome e se situa lá pelos altos da rua José Paulino, fundamentou e apresentou uma indicação relativamente "à passagem em 19 do corrente, do quinquagésimo aniversário da primeira representação no Teatro La Scala, de Milão, do Guarani, ópera do imortal maestro campineiro Antonio Carlos Gomes e as homenagens devidas às glórias desse nosso eminente conterrâneo". Na sua indicação, afirmou entre outras coisas "que o maestro Carlos Gomes, era um dos primeiros compositores do mundo e o primeiro das "Duas Américas", glória de nossa pátria", terminando Alvaro Ribeiro por solicitar que se solenizasse a data, mandando ornamentar nesse dia a sua estátua, fazendo-a iluminar festivamente e promovendo manifestações cívicas que traduzem a gratidão de Campinas pelo seu dileto filho, que tanto a engrandeceu e amou. "Indicou, ainda, que nesse mesmo dia a mesa da Municipalidade telegrafasse ao General Lauro Sodré, ilustre Governador do Pará, agradecendo-lhe os serviços prestados ao glorioso extinto e as manifestações que estão sendo produzidas nesse Estado para solenizar o jubileu do Guarani. "As manifestações sucederam-se em Campinas e também em alguns centros de cultura da Capital paulista, e o dia 19 de março de 1920 foi festivamente comemorado, principalmente pelo seu comércio que naquela data cerrou as portas de nossos estabelecimentos comerciais, ao meio dia!

* * *

Quando da estréia da ópera baseada no romance de José de Alencar, no Rio de Janeiro, ainda ao tempo da Monarquia, estando presente ao chamado teatro Provisório o autor do romance, então senador e S. Magestade D. Pedro II, — diz Carlos Ferreira em um livro intitulado "Feituras e Feições", que ao cair do pano, finalizando o primeiro ato da ópera", os aplausos irromperam em delírio, o autor é freneticamente chamado à cena; todos estão de pé, e chega a ser atoadora e infinita a formidável salva de palmas que acolhe o feliz artista. Mais seis chamadas o fazem vir ao proscenio e de tôdas as vèzes que aparece, a sua vasta e longa cabeleira negra esvoaça, como uma floresta fantástica, ao sopro violento dos aplausos! Ao terminar o segundo ato, o delírio sobe de ponto. Uma comissão da ilustre cidade de Campinas, comissão essa de que fizeram parte, entre outros campineiros, os distintos moços Luiz Quirino dos Santos e Joaquim de Toledo, oferece ao maestro, em cena aberta, uma rica medalha de ouro, em nome do altivo povo campineiro. Recitam poesias poetas de grande nomeada, o Luiz Guimarães Júnior, o Bittencourt Sampaio e outros, "além dele, Carlos Ferreira. Reina uma espécie de sabbat de duendes na sala. Ninguém mais se entende... O maestro mal pode caminhar no palco juncado de flores, e enxugando as lágrimas de alegria... parece querer saltar para a platéia, ao passo que o povo salta para o palco. Chapéus, lenços, leques, buquês, coroas, flores desfolhadas e folhagens, tudo é arremessado ao palco, num verdadeiro turbilhão. Um verdadeiro e atoador delírio! E o imperador, em pé, no camarote, ostentando a sua notável e austera figura, sorri... sorri sempre, triunfante e alegre, como um bom brasileiro que é amigo do artista...".

* * *

No final do espetáculo, chamado ao proscênio para mais de trinta vèzes, D. Pedro II põe ao peito do notável artista de Campinas uma comenda e abraça-o diante do público maravilhado. "Naturalmente, digo eu que transcrevo estas modestas linhas, o imperador lembrou-se de sua primeira visita à antiga Vila de São Carlos, em 26 de março de 1846 quando, pela primeira vez vira o Toniquinho, do Maneco Músico tocando "triângulo" na banda musical do pai.

Biblioteca Centro de Memória - Unicamp



CMUHE010071